

## DANIEL ASOREY

Daniel Asorey é escritor e professor de galego, nascido em Santiago de Compostela em 1970. Desde os dezoito anos tem colecionado diversos prêmios literários; recentemente ganhou o *Premio de Narrativa Breve Repsol* pelo seu livro *Nordeste* (2016).

O Brasil, país onde Asorey já morou, é um dos espaços onde se desenrola a narrativa de *Nordeste*, ao modo de alegoria para abordar problemáticas caras à Galícia contemporânea, como a questão nacionalista, a reivindicação por maior independência política, linguística e cultural, a posição subalterna da terra galega diante da Espanha e o violento silenciamento histórico dos grupos minoritários e excluídos. Para isso, Asorey deu alguns passos atrás e mudou, imaginariamente, um momento decisivo na história galega: a *Revolución Irmandiña*. O autor lança a pergunta: “Qual teria sido o rumo da história galega (e universal) se os *Irmandiños* tivessem vencido a revolução no século XV?”. *Nordeste* oferece uma resposta ucrônica a esse questionamento, protagonizada por três personagens: Maria Bonita, Matilda e Carne de Candingas. As duas primeiras vivem no século XX, na década de 1930; Carne de Candingas, no século XVII.

As três mulheres lutam contra diversas formas de opressão, principalmente a de gênero. O universo patriarcal e falocêntrico é subvertido, e, consequentemente, a versão da história contada pelos vencedores; a voz que ecoa no livro de Daniel Asorey é a dos silenciados, subalternos, oprimidos, esquecidos, e o grito deles é de revolução, ainda que apenas num plano ficcional. Nesse plano, a Galícia não é uma comunidade autônoma da Espanha, ela é metrópole colonizadora: república presidida por Castela, um dos maiores intelectuais da literatura e da política galega do século passado, e à frente das colônias que se concentram nas terras da Bahia, Rio Grande do Sul e São Paulo.

*Nordeste* reserva papéis de destaque às mulheres que buscaram mudar a história e que foram, ao longo do tempo, postas de lado. As consequências da colonização, do capitalismo desenfreado e da violência nesse processo histórico são revisitadas e repensadas, e o Brasil alegórico é central nessa reflexão.

O livro está sendo traduzido para o português, com lançamento no Brasil previsto para 2018. A entrevista a seguir foi concedida em galego, a Thayane Gaspar Jorge, na última semana de maio de 2017, e traduzida pela entrevistadora, com o auxílio de Lucía Sande, para este número da Matraga.

**THAYANE GASPAR JORGE: Por que conceber uma Galícia imaginária? O que isso significa no atual contexto político e literário galego?**

**DANIEL ASOREY:** A imaginação costuma ser a resposta para muitas coisas, entre elas criar alternativas a realidades políticas ou sociais de que não gostamos, pensemos em Cunqueiro no pós-guerra. As escritoras e escritores, como as crianças, temos a sorte de brincar com a realidade e também de mudá-la. Somos capazes de mudar o passado e também olhar para o futuro. Tudo isso sobre o papel, claro. No jogo dessa Galícia imaginária e sonhada está o desacordo com a realidade subalterna, a qual é a minha terra, minha “mátria”, a quem tiraram o direito de ser e de decidir, e que na atualidade vê como sua língua está sendo atacada pelas mesmas autoridades que deveriam defendê-la. Acredito absolutamente no compromisso da literatura com as oprimidas e os oprimidos, além da sua função estética, por isso considero que não devemos renunciar à ética da palavra. E pertenço a uma cultura oprimida. A imaginação pode nos dar o caminho para confrontarmos essa opressão, mas, no meu caso, espero que não seja visto como um caminho para evitar o conflito. Muito pelo contrário.

**TGJ: No livro, você ousa tornar a Galícia uma república, e ainda por cima governada por Castelao, figura emblemática do nacionalismo galego. Como essa ideia tem sido recebida pelo público leitor e pela crítica?**

**DA:** O romance teve muito boa recepção por parte da crítica e do público, inclusive, neste momento, já preparamos a segunda edição. É evidente que chame muita atenção das pessoas o feito de transformar Castelao em presidente da República, os leitores e leitoras têm comentado sobre isso nas apresentações, alguns críticos e mesmo jornalistas em programas culturais também. Mas não é algo tão estranho. Se Franco não tivesse consumado o golpe de estado, em 1936, é possível que Castelao fosse o primeiro presidente de Galícia. Acabava de se aprovar em referendo o Estatuto de Autonomia de Galicia e ele, o líder do Partido Galeguista, era um político muito popular, um artista total, com uma sensibilidade, por exemplo, nos temas raciais, muito à frente da sua época. O bom de descrever é que você pode dar oportunidades que a história roubou. E o que seria melhor do que dá-las a Castelao!

**TGJ: Partindo de fatos históricos, você nos apresenta uma ucronia, isto é, uma reelaboração ficcional da história, em vista do**

**que poderia ter ocorrido, mas não ocorreu. Quais foram as fontes consultadas durante a pesquisa que precedeu o livro? Como se estabelece a tensão entre história e ficção no seu livro?**

**DA:** São muitas as fontes consultadas, claro, desde livros sobre embarcações até classificações de animais e plantas, enciclopédias e vários manuais de história; porém, o romance surge da minha primeira viagem ao Nordeste, em 2007. Ali, em Fortaleza, assisti a uma exposição sobre o cangaço no Centro Cultural do Dragão do Mar e vi a foto das cabeças. Essa foto me apavorou e removeu meu interior por quase oito anos, e eu soube que algum dia haveria de escrever sobre isso. Comecei a ler sobre o cangaço, sobre a sua história, a ver filmes, e também as fotos e filmes de Benjamin Abrahão Boto. Além disso, claro, visitei o sertão e li os autores nordestinos que falavam dele, como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz. Concomitantemente, descobri e me informei sobre a história dos holandeses no Brasil. Compreendi como essa nação próspera consegue abandonar a dominação espanhola e se converter numa grande potência comercial, graças, isso nunca se diz, aos escravos.

Há também uma documentação construída com vivências, não livresca, para descrever parte do que conto. Tive a sorte de que, noutras viagens pelo Nordeste, visitei várias terras indígenas, uma no Ceará, e outra, a Terra Indígena Potiguara, na Baía da Traição, na Paraíba, que aparece no livro, onde os portugueses fizeram um massacre terrível por causa do apoio dos nativos aos holandeses. Numa dessas aldeias um cacique me contou uma história de “galegos” loiros que chegaram pelo mar para construir fontes e me falou da “praia dos galegos”. Misturava a acepção atual de galego no Brasil com uma parte da sua história. E assim, sem pensar nisso, aquele homem sábio e afoito estava me dando a ideia de ir unindo tudo o que surgia na minha cabeça. Hei de dizer que nesse processo de criação, com certeza, também influíram outras viagens, por exemplo, várias que fiz a Redenção, no Ceará, o primeiro lugar do Brasil que declarou a abolição da escravatura. Por certo, ali visitei uma senzala que foi transformada em museu parcialmente. Todas as escolas do mundo deveriam visitar aquilo para curar o racismo e mostrar a barbárie que os brancos comenteram à procura de dinheiro e poder. Finalmente, tive a sorte de conhecer o Rio de Janeiro, e só há dois anos, pouco tempo antes de começar a escrever o romance, São Paulo, o que fechou os espaços do relato, que tentam ser fidedignos. Desse jeito, há quem já fez em São Paulo a rota literária do livro, desde o edifício no qual vivia Matilda, que eu

imaginei o fabuloso Esther, que teria acabado de ser construído, na Praça da República, até os lugares por onde Matilda passeia.

Por outro lado, como bem se diz, a tensão ao escrever o que pode se chamar de romance histórico está aí. Você não é historiador, apesar de que pelo caminho haja leituras históricas, você fabula, inventa, e, neste caso, inventei muito. Criei mesmo um passado alternativo para a minha nação. Ainda assim, não quis que fosse um passado ideal, mas que tivesse as suas sombras. Ao mesmo tempo, tentei ser absolutamente rigoroso no que se refere a muitos aspectos da história do Brasil; por exemplo, quase tudo o que conto do cangaço está documentado, desde as pessoas que aparecem até os feitos ou lugares referidos. O mesmo acontece quando falo do comércio de escravos. Além disso, há um ensaio, chamado *Caliban e a bruxa*, de Silvia Federici, que me apresentou a tese que defendo no romance: o capitalismo foi construído com sangue das mulheres, dos povos originários da América e dos escravos.

**TGJ: A dureza da história contada em *Nordeste* contrasta com uma narração muitas vezes metafórica, para não dizer poética. Você considera que em seu livro predomina uma prosa poética?**

**DA:** Não sei. Sou dos que acredita que nas pessoas que escrevem há muito mais de artesãos teimosos do que de artistas. Escrever requer o emprego de gramáticas e dicionários na procura da expressão e da palavra correta, assim como um trabalho de correção em que eu não sei quando pôr fim. Preocupa-me a sonoridade das palavras e posso me tornar obsessivo e mudar muito uma frase, nesse sentido é possível que o estilo se assemelhe à prosa poética, principalmente porque para descrever gosto de empregar imagens, muitas, reconheço, herdeiras da poesia das vanguardas.

**TGJ: Para contar a história da Galícia, o nacionalismo do final do século XX projetou seu olhar para além das fronteiras, seja em direção à Irlanda, seja em direção a Portugal, em função de afinidades linguísticas, culturais e históricas. Mas por que o Brasil? Qual afinidade ou laço você pretendia estreitar ao fazer os galegos cruzarem o Atlântico em direção à nossa terra?**

**DA:** No Brasil, confluem para mim afetividades pessoais que me trouxeram até aqui e que mostraram uma terra, especialmente o Nordeste, que agora já é minha. Assim, tive a sorte de sonhar aqui a Galícia que ela poderia ter sido. As afinidades linguísticas fazem com que às vezes se tenha a sensação de estar escutando a avó morta, aquela palavra que há muitos anos não escutamos. Me lembro que em Cachoeira, na Bahia, co-

nheci uma mulher centenária, descendente de escravos, falamos e rimos, e eu acreditava estar escutando uma afoita mulher galega. Então perguntei-lhe: “E se fôssemos nós que tivessémos chegado aqui?”

**TGJ: No Brasil, circulam certos estereótipos pejorativos sobre o Nordeste e seu povo. Você estava ciente deles? Como você lidou com isso na sua obra? Você percebe algum paralelo ou semelhança entre o estereótipo do “nordestino”, no Brasil, e o do “galego”, na Espanha?**

**DA:** Eu já sabia. Estava totalmente consciente. O estereótipo do nordestino, marginalizado, ignorado, ridicularizado por uma parte do Brasil, é quase o mesmo que o galego, por uma parte da Espanha. Do mesmo jeito, o nordestino emigrou e, com seu esforço, contribuiu para o progresso das grandes cidades brasileiras. Assim como Rosália denunciou o maltrato à Galícia e aos galegos, outros tantos fizeram, com o Nordeste e com os nordestinos, Rachel de Queiroz ou Graciliano Ramos. Além disso, assim como a Galícia, o Nordeste foi sistematicamente esquecido pelos governos centrais do Brasil. Esta situação de marginalização só mudou com a chegada dos governos progressistas do PT, que trabalharam questões básicas de justiça social e de luta contra a pobreza que devorava aqueles territórios, que mesmo o grande Sebastião Salgado chegou a comparar com uma parte da África inserida no Brasil. Existe, ademais, uma reflexão, uma ironia e fatalidade no habitante do sertão que me recorda o povo galego. Com o romance, quis homenagear o povo nordestino, digno, ativo e sofrido.

**TGJ: No livro e em certas entrevistas é perceptível a sua familiaridade com a literatura brasileira. Como se deu o seu contato com ela? Quais autores e obras você destacaria nesse sentido?**

**DA:** Eu gostaria de ter um maior conhecimento em literatura brasileira. Eu sou professor de língua e literatura galega no ensino secundário. Estudei Filologia Galego-Portuguesa, por isso o meu interesse pela literatura em língua portuguesa já é antigo. Sempre que venho ao Brasil compro livros, claro. Quando não é possível, todo ano costumo pedi-los a conhecidos que vem para cá. Citei Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, mas também citaria autores imprecidíveis como Guimarães Rosa ou Clarice Lispector. O primeiro autor nordestino que li deve ter sido José de Alencar, autor de *Iracema*, ou talvez Jorge Amado, de *Capitães de areia*. Mas há outras autoras e autores brasileiros, angustiantes e populares, que me marcaram, como Mauro de Vasconcelos ou Carolina de Jesus. A literatura em língua portuguesa é uma inspiração para mim, desde o atual

Ondjaki, na africana Angola, ao falecido Manuel Bandeira, de Recife. Recentemente, fiquei encantado com a leitura dos arrebatadores *Hospício é Deus* e *O sofredor do ver*, ambos de Maura Lopez Cançado, e com o livro-reportagem *Holocausto brasileiro*, de Daniela Arbex.

**TGJ: O que o motivou a tornar Graciliano Ramos personagem do seu livro?**

**DA:** A minha admiração intelectual e humana por ele. Graciliano é um escritor que não só criou obras que dão voz aos emudecidos e emudecidas, como também é um homem com uma valentia e com um compromisso humano e político que acabam por levá-lo à cadeia. Quanto mais eu lia e investigava sobre ele, mais queria fazê-lo participar deste romance.

**TGJ: Um dos jurados do prêmio Repsol afirmou ter ficado surpreso quando descobriu que o livro não tinha sido escrito por uma mulher. *Nordeste* é um livro feminista? Por quê?**

**DA:** Eu sou feminista, obviamente, porque sou a favor da igualdade de homens e mulheres, por isso é lógico que seja um livro feminista, como também é um livro antiescravista, antirracista, e penso que um livro anticapitalista. Se vocês me permitirem, faria a pergunta ao contrário: Como é que hoje pode haver livros que não defendem a igualdade da metade da população? Se eu estou tentando dar voz àqueles de quem ela foi tirada, não posso me esquecer das mulheres, essa metade silenciada.

**TGJ: Em uma entrevista para o veículo galego *Sermos Galiza* concedida em setembro de 2016, você disse: “*Eu non son moi optimista, pero creo que as mulleres son as únicas que poden mudar o mundo*”. Como o desfecho reservado às protagonistas femininas no livro reflete essa afirmação paradoxal?**

**DA:** Eu sempre digo que o feminismo não é uma opção, é a opção. Como é que podemos nos permitir não contar com a metade dos habitantes do planeta? Porém, temos de ser realistas, e, nessa luta de dominantes e dominadas, os que controlam o poder hão de fazer todos os esforços para retê-los, mesmo que isto leve a eliminar quem lute por isso. Eis, por exemplo, a violência das elites contra classes populares; a dos homens contra as mulheres; a violência racial dos brancos contra negros e povos originários; a violência heteropatriarcal contra o coletivo LGBTI... Contudo, as lutas semeiam novos futuros, isso é o que tentei deixar entrever nas derradeiras frases do livro. A semente há de fazer crescer mundos melhores, apesar dos casos de involução, como no atual Brasil, EUA ou Europa.